CARTAS

Preços do boi gordo

No meu entender, a revista *Agroanalysis*, no número de novembro último, página 40, em Estatísticas Agropecuárias, Preços do Boi Gordo, informou erradamente. Explico:

O boi gordo vem sendo comercializado, há muitos anos, com prazo de 20 dias e ainda continua com o real, desde 1º de julho passado. Entretanto, os preços até 30 de junho deveriam ser desinflacionados pelos 20 dias de prazo, o que resultaria em torno de menos 25 a 30%. Já os preços a partir de 1º de julho, em reais, apresentariam uma inflação mínima em torno de 4 a 4,5%, que é o juro cobrado para o desconto, pelos bancos, para os 20 dias em promissória rural. Parece-me que o calculador não considerou a enorme inflação existente até junho de 1994 e fez a conta de R$1,00 = Cr$2.750,00. Isso explicaria o preço de junho (R$30,79) e de julho (R$23,17), como se os preços tivessem baixado. Além do mais, em agosto, setembro, até outubro, devido à geada e à seca, os preços somente subiram e foram uma das causas da pequena inflação ocorrida no Plano Real, nesses meses. Os dados fornecidos dão baixa nesses meses, em relação a junho de 1994, o que está fora da realidade.

Na parte de baixo da mesma página, na comparação dos preços de boi gordo e boi magro, suponho que deve ter havido o mesmo engano, pois enquanto o boi gordo é vendido com 20 dias, o boi magro, o garrote e o bezerro são comercializados à vista, ou com prazo de poucos dias (cinco dias).

Francisco Jacintho da Silveira
Engenheiro-agrônomo,
Presidente Prudente, SP

Nota da redação: Apresentamos, na seção Estatísticas Agropecuárias do nosso número de março, páginas 44-5, um pequeno comentário que deve esclarecer a questão.

É permitida a reprodução total ou parcial dos índices e matérias desde que seja citada a fonte.

AGROANALYSIS
Revista mensal de economia agrícola da Fundação Getulio Vargas editada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia

Fundador:
Julian Chacel

EXPEDIENTE

Chefe do CEA/IBRE:
Ignez Vidigal Lopes

Redator-chefe:
Regis Alimandro

Equipe de redatores:
Eliana C.B.L. Viglio (arroz, feijão, meio ambiente, tomate, mandioca, caju), Fernando R. de Freitas Almeida (cereais de inverno, oleaginosas, frutas, vinho), Irene Raguenet Troccoli (fumo, milho, avicultura, suinocultura, laranja), Maria José Cyhlar Monteiro (preços, previsão de safras, legislação), Mauro de Rezende Lopes (comércio internacional, política agrícola), Regis Alimandro (café), Tito B. B. Ryff (meio ambiente).

Colaboradores:
Adib Jamil Amim, Lucio Junqueira Campos (estatísticas de preços), Rubens de Mello Nogueira Abdelhay (índice FGV/Abag), Ana Célia Junqueira Campos, Edmilson Pereira Conceição, Edna Frias de Souza, Mário Augusto Rodrigues Martins (apoio técnico).

Copidesque:
Lauda Editoração e Comunicação Ltda.

Técnico em processamento:
Bruno da Silva Júnior, Deise Jaffar de Lima.

Estagiários:
Ana Paula de Mello Carvalho, Ednéia da Silva Bezerra, Maria das Graças Soares.

Secretaria e apoio administrativo:
Claudia Ana Marques, Antonio Barbosa, Antonio Getúlio Corrêa de Oliveira.

Divisão de Gestão da Informação (DIGI)
Diretor: Moacyr Antonio Fioravante

Editora da FGV
Chefe: Francisco de Castro Azevedo
Coordenação editorial: Cristina Mary Paes da Cunha
Editoria de arte: Eliane da Silva Torres, Jayr Ferreira Vaz, Marilza Azevedo Barboza, Osvaldo da Silva, Simone Ranna.
Revisão: Aleidis de Beltran, Fatima Caroni.
Produção gráfica: Helio Lourenço Netto, Joel Alves.
Comercialização: Juarez Nery de Souza, Valéria Oliveira Santiago.
Vendas de assinatura: José Milton Gondim.
Vendas avulsas: Edna Kumakola
Publicidade:
Belo Horizonte — MG: Tel. e fax: (031) 224-9534; Brasília — DF: Tel. e fax: (061) 577-4883; Porto Alegre — RS: Tel. e fax: (051) 249-7056; Recife — PE: Tel. e fax: (081) 465-1851; Ribeirão Preto — SP: Tel.: (016) 625-9639 – Fax: (016) 625-0521; Rio de Janeiro — RJ: Tels.: (021) 252-8720 e 252-9074 – Fax: (021) 221-5984; Salvador — BA: Tel. e fax: (071) 351-1784; São Paulo — SP: Tel. e fax.: (011) 524-1174.
Livrarias — Rio de Janeiro: Livraria J. Carneiro Felipe — Praia de Botafogo, 188 — Tel.: (021) 536-9105
São Paulo: Livraria Faria Lima — Av. Nove de Julho, 2.029 — Tel.: (011) 281-7875.
Editora da Fundação Getulio Vargas — Serviço de Vendas: Praia de Botafogo, 190 s/607 CEP 22253-900 — ou Caixa Postal: 62.591 — CEP 22257-970 — Rio de Janeiro, RJ — Tels.: (021) 551-0698 e 536-9196.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Presidente de honra: Luiz Simões Lopes

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres

Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen

Diretora-geral: Celina Vargas do Amaral Peixoto

Conselho Diretor

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres

Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen

Vogais: Aldo Baptista Franco, Celina Vargas do Amaral Peixoto, Eliezer Baptista, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Luiz Fernando da Silva Pinto, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr., Marcílio Marques Moreira.

Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Eugenio Emílio Staub, José Luiz Miranda, Oswaldo Antunes Maciel, Pedro Leitão da Cunha.

Conselho Curador

Presidente: Theodoro Arthou

Vice-presidente: Paulo de Tarso Leal

Vogais: Abgar Renault, Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Banco Credit Commercial de France S.A., Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Diogo Lordello de Mello, Domingos Marques Grêllo, Edmundo Barbosa da Silva, Estado de Minas Gerais, Estado de São Paulo, Gilberto Duarte Prado, Gilberto Ulhôa Canto, Heitor Chagas de Oliveira, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), José Ephim Mindlin, Mário Abrantes da Silva Pinto, Mauro Salles (Salles-Interamericana de Publicidade S.A.), Paulo Guilherme Aguiar Cunha (Cia. Ultragaz S.A.), Rubens D'Almada Horta Pôrto, Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro.

Suplentes: Antonio Monteiro de Castro (Souza Cruz S.A.), Armando Klabin (Klabin Irmãos & Cia.), Carlos Alberto Lenz Cesar Protásio, Cristiano Buarque Franco Neto (Banco Bozano, Simonsen S.A.), Guilherme Augusto Frering, João Pedro Gouvêa Vieira Filho (Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.), Luiz Roberto do Nascimento Silva, Marcio João de Andrade Fortes, Maria do Carmo Nabuco de Almeida Braga (Icatu Empreendimentos e Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes — Cia. de Seguros), Sérgio Franklin Quintella, Unibanco — União de Bancos Brasileiros S.A.

Instituto Brasileiro de Economia
Diretor: Antonio Salazar P. Brandão

Banco de Dados-IBRE
Salomão L. Quadros da Silva

Centro de Estudos Agrícolas
Ignez Vidigal Lopes

Centro de Estudos das Empresas
Sergio Gustavo S. da Costa

Centro de Estudos de Economia e Governo
Lia Valls Pereira

Centro de Estudos de Preços
Paulo Sidney de Melo Cota

Centro de Estudos Tendenciais
Eden Gonçalves de Oliveira

Revista Conjuntura Econômica
Lauro Vieira de Faria

Nesta edição

1 **Entrevista com Eliseu Alves**

5 **Cartas**

7 **Especial**

7 **Agricultura e meio ambiente: uma abordagem econômica**
Tito Ryff

14 **O crédito rural nos anos 90**
Maria José C. Monteiro

16 **Conjuntura do agribusiness:**

16 **Algodão**

18 **Arroz**

20 **Feijão**

22 **Milho**

24 **Soja**

28 **Índice FGV/ABAG (Iabag) 1995**

30 **IBGE — Síntese estatística**

32 **Oferta e demanda**

34 **Estatísticas agropecuárias**

40 **Panorama agropecuário**

44 **Panorama internacional**

48 **Legislação agrícola**

52 **Janela aberta**

Editorial

Carta verde

Este número de *Agroanalysis* aborda três temas relevantes: o meio ambiente, a safra de verão e o crédito rural. Na entrevista especial, Eliseu R. Alves, ex-presidente da Embrapa e um dos seus fundadores, fala da importância da pesquisa, de seus problemas e de seu futuro.

Tito Ryff analisa a noção de desenvolvimento agrícola sustentável e avalia as condições para que ele seja alcançado, dentre as quais sobressaem as mudanças necessárias nas políticas de crédito rural, assistência técnica e pesquisa agropecuária. O autor examina, também, a adequação dos conceitos econômicos tradicionais à análise da questão do desenvolvimento agrícola sustentável, concluindo que a aplicação rigorosa desses instrumentos esbarra, por enquanto, na insuficiência do conhecimento científico atual sobre muitas das complexas relações de causa e efeito que caracterizam o meio ambiente, na dificuldade de atribuir valores monetários às variáveis ambientais e na ambigüidade de que ainda se ressente o processo de escolha coletiva associado às questões ecológicas.

Ainda a este respeito, Janela Aberta traz a palavra de uma jovem pesquisadora, Margarete Marin Lordelo Volpato, vencedora do prêmio Moinho Santista Juventude 1994, sobre a questão do reflorestamento.

As mais recentes estimativas da safra 1994/95 dão conta de uma colheita da ordem de 81,6 milhões de toneladas dos chamados "grãos". Não vem sendo atribuída muita atenção a este desempenho, possivelmente porque a imprensa em geral está voltada para o acompanhamento dos primeiros passos do governo federal rumo às anunciadas reformas. Pesam, também, as inquietações quanto ao que vem ocorrendo no México e na Argentina.

As boas notícias costumam causar pouco impacto. Mesmo assim, deveria ser lembrado que, de acordo com o critério de mensuração da safra de verão já mencionado (grãos), nunca se colheu tanto no país.

Dentre as razões para que se tenha conseguido atingir este novo patamar encontra-se o comportamento das lavouras de soja e milho. Juntas, correspondem a 76% daquele total.

É interessante observar que, nestes dois casos, os produtores que optaram por financiar suas plantações pela equivalência em produto estarão em melhor situação quando comercializarem sua safra do que aqueles que se endividaram pela TR. Estes últimos têm-se esforçado em demonstrar seu desagrado com a situação, reivindicando alguma modificação nas regras do crédito rural.

Para piorar suas dificuldades, a colheita atrasou em vários pontos da região Centro-Sul, o que levou à concentração das operações em alguns períodos, elevando sobremaneira os fretes.

Do ponto de vista do governo federal, o impacto de uma safra abundante é extremamente bem-vindo, porém os problemas dela decorrentes, como a necessidade de efetuar compras não desejadas (caso da soja), vêm trazendo muita dor de cabeça.